



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

## **Educomunicação e Desenhos Animados: Construindo o Conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa desde a Educação Infantil<sup>1</sup>**

**Kamila Regina de SOUZA<sup>2</sup>**

**Ademilde Silveira SARTORI<sup>3</sup>**

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo apresentar as reflexões realizadas à luz da Educomunicação sobre as relações entre os desenhos animados, as brincadeiras infantis e a prática pedagógica de professoras da Educação Infantil. São resultantes de pesquisa realizada em 2012 e proporcionou a proposição do conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa.

### **Palavras-chave**

Educomunicação; Prática pedagógica; Desenhos Animados.

### **1) Os desafios à prática pedagógica da educação infantil na contemporaneidade**

Considerando-se que as mídias audiovisuais estão enraizadas na sociedade contemporânea e que nelas os desenhos animados são um dos principais produtos destinados ao público infantil, neste artigo apresentamos reflexões oriundas de uma pesquisa realizada – e defendida em março de 2013 – no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em sua linha de investigação Educação, Comunicação e Tecnologia.

A pesquisa teve como objetivo principal refletir à luz da Educomunicação sobre como os/as professores/as da educação Infantil compreendiam e como tratavam os desenhos animados em suas práticas pedagógicas. Os sujeitos da pesquisa foram: a professora e a

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação do Programa em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE-UDESC) – Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED). Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. E-mail: kamila.brasil@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutora em Ciências da Comunicação – USP, professora do Programa de Educação da UDESC – PPGE-UDESC. ademildesartori@gmail.com.



auxiliar de sala de 01 grupo de crianças na faixa etária de 05 a 06 anos de idade de uma instituição de Educação Infantil localizada na região continental de Florianópolis.

Uma das premissas da pesquisa foi o reconhecimento de que o diálogo entre as áreas da Educação e da Comunicação se faz necessário para que se discuta as questões que são objeto de estudo de ambas as áreas. Sob esta perspectiva, a Educomunicação, como inter-relação entre a Educação e a Comunicação, revela-nos possibilidades para (re) pensarmos as questões que desafiam o trabalho pedagógico de professores/as e, assim, buscarmos novas formas de atuação pedagógica desde a Educação Infantil.

Ao chegarmos ao conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa, isto é, aquela que considera o universo midiático vivido pelos sujeitos ampliando o ecossistema comunicativo no contexto educacional, temos as contribuições da Educomunicação na mediação e viabilização do diálogo entre a cultura midiática das crianças e as suas vivências no contexto formal de educação.

## **2) A Educomunicação e sua trajetória**

O contexto educacional é invadido pelas referências midiáticas e, com isso, novos desafios se impõem à comunidade escolar. Um cenário desses desafios, próprios de uma sociedade multicultural, é ilustrado da seguinte forma por Martín-Barbero (2011, p.129):

[...] enquanto o ensino transcorre através do mundo do manual, o professor sente-se fortalecido; mas quando aparece o mundo da imagem, o professor perde a estabilidade, porque o aluno sabe muito mais e, sobretudo, porque maneja muito melhor a língua da imagem que o professor.

Nesse sentido, a aproximação entre as áreas da Educação e da Comunicação, nos parece pertinente para (re) pensar as questões que desafiam o trabalho pedagógico dos/as professores/as, questões estas, objetos do conhecimento tanto da área da Educação quanto da Comunicação, ou seja, da Educomunicação.

Em entrevista à Revista Linhas, Citelli (2011) conta que no Brasil da década de 1950 até o Golpe de 1964, os meios de comunicação da época eram muito utilizados para fins educativos e ressalta – destacando o papel de Paulo Freire no estado de Pernambuco – as experiências que ocorreram em todo o Norte e Nordeste do país como “experiências



interessantíssimas de como colocar a televisão, o rádio, para fazer educação popular, sobretudo”. O autor explica:

O movimento popular foi se reorganizando para fazer o que foi chamado de comunicação popular. Esse termo ganhou força nos anos 1970, por que se criaram formas de resistência à ditadura no Cone Sul, levando para a escola o jornal e a Super 8, entre outros meios da época. O objetivo era que as crianças comessem a produzir. Essa preocupação está espalhada pela América Latina, inclusive América Central. (CITELLI, op. cit. p. 202).

Segundo Soares (2011, p.34), sob uma perspectiva dialética, as práticas educacionais tem se dado em maior volume na América Latina em função do movimento da chamada “educação popular” e da preocupação dos cursos e ações das entidades envolvidas com o tema em discutir não o “impacto das mensagens sobre suas audiências, mas [...] o modo como as audiências reagiam e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos”.

Soares (SOARES, op. cit. p. 24) afirma ainda que no Brasil, ao longo da década de 1990, núcleos de extensão de universidades e ONGs que trabalhavam com o uso da mídia na formação de crianças e jovens, começaram a “entender que o exercício de “produzir comunicação” de forma democrática e participativa, por parte das crianças e jovens, representaria um diferencial em relação às experiências internacionais voltadas exclusivamente para as práticas de “leitura” da mídia.”, sendo esta perspectiva diferenciada o que rege, desde o ano de 1999, o termo Educomunicação usado correntemente pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP).

Citelli (2011, op. cit.) cita a criação do curso de Licenciatura em Educomunicação da USP no ano de 2011 o que, segundo ele, representa uma experiência inteiramente nova no Brasil e também em outros países que se interessam em formar um profissional que entenda as interfaces da Comunicação e da Educação.

Todo esse conjunto de discussões, pesquisas, experiências e práticas envolvendo questões pertencentes tanto à área da Educação quanto à área da Comunicação, tem participado do processo de consolidação da Educomunicação.

### **3) Princípios da Educomunicação**

O modelo de sociedade em que vivemos parece ainda não conseguir entender muito bem os processos sociais de forma relacional, pois vivemos num verdadeiro “ou é isto, ou é



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

aquilo”, e isso se evidencia nas instituições educacionais com a oposição dos conhecimentos tidos como escolares daqueles trazidos dos contextos de vida das crianças. É, portanto, na articulação dessas “ações de natureza diversificada” intencionalmente voltado para o estabelecimento de ecossistemas comunicativos que reside a ideia de gestão da comunicação nos processos e espaços educativos.

Em Educomunicação, os ecossistemas comunicativos são entendidos por meio de dois movimentos, conforme Martín-Barbero (2011, p. 125): pela relação com as novas tecnologias e uma conseqüente nova experiência cultural, percebida mais facilmente entre os mais jovens e suas novas sensibilidades; e pelo surgimento de um ambiente educacional de informação e conhecimentos múltiplos, que não se limita mais à escola e ao livro.

Esse conceito de ecossistema comunicativo é ampliado por Soares (2011, p.44), que mais do que o entender como uma apropriação das tecnologias da educação, o entende como um “ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias”.

Para Soares (op. cit., p. 23) a relação é o elemento constitutivo da Educomunicação, portanto, se deve “educar pela comunicação e não para a comunicação”. Considerando a descentralização da produção de conhecimento sistematizado, antes restrito à escola, esse entendimento da relação das áreas da Educação e da Comunicação, não de uma área em detrimento da outra pode, a nosso ver, contribuir para que os/as professores/as compreendam que os aparatos midiáticos fazem parte da constituição sociocultural das crianças contemporâneas. Essa percepção, por sua vez, pode fazer com que esses profissionais se coloquem numa posição mais receptiva em relação a esses aparatos e, com a ajuda deles ultrapassem a mera utilização das mídias e ampliem os ecossistemas comunicativos de suas práticas pedagógicas. Sartori (2010, p.46) entende que:

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás.

Nesse sentido o que nos chama especial atenção nesta pesquisa é a ampliação das possibilidades que a Educomunicação pode dar à área da Educação, em especial à prática



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

pedagógica dos/as professores/as da Educação Infantil baseado no estabelecimento de ecossistemas comunicativos. Afinal, concordamos com Martín-Barbero (2011, p. 126):

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam em outros canais, difusos e centralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Por isso, a educomunicação requer uma visão sistêmica das ações educativas, ações que se articulem de forma intencional e deem origem ao planejamento de práticas pedagógicas preocupadas com as diversas linguagens, as expectativas das crianças e a intencionalidade pedagógica do/a professor/a. É nessa discussão que nos aprofundaremos a seguir.

#### **4) A Educomunicação e as Práticas Pedagógicas**

Nem sempre a educação formal, neste caso a Educação Infantil, reconhece a participação das mídias na constituição da criança e, muitas vezes, deixa ‘escapar’ elementos que poderiam vir a contribuir para uma prática pedagógica mais eficiente e condizente com realidade vivida pelas crianças contemporâneas.

Ao se firmar em propostas que têm como pano de fundo as bases escolarizantes e conteudistas da educação fundamental e que, por sua vez, não se aplicam às especificidades da Educação Infantil, os elementos de desenhos animados acabam passando despercebidos. Com isso questões relacionadas à educação e também à comunicação, acabam sendo negligenciadas, uma vez que os/as professores/as da Educação Infantil nem sempre conseguem e/ou querem compreender a presença das referências midiáticas no contexto vivido pelas crianças. Em decorrência disso, acabam tendo dificuldade de articulá-las em suas práticas pedagógicas, deixando assim, de contribuir para uma recepção mais ativa por parte das crianças quanto ao conteúdo da mídia.

O que nos leva novamente ao entendimento de que, no contexto atual marcado pela presença das mídias, os conhecimentos oriundos da experiência de vida das crianças também precisam ser levados em conta nas práticas pedagógicas dos/as professores/as.

Nessa perspectiva reconhecemos a relevância dos estudos de Rocha (2003) sobre a necessidade de uma Pedagogia da Infância, que compreenda a criança em seu contexto de vida, ou seja, que vê a infância que constitui a criança, sendo esta o seu próprio objeto de



estudo. Ou seja, as complexas dimensões que constituem a criança conferem à Pedagogia uma necessidade de contemplar o sujeito-criança em sua multiplicidade e complexidade, mas de, sobretudo reconhecer a infância como “tempo de direitos”. Nas palavras da autora:

Um novo tempo, que exige dos educadores consciência sobre a necessidade de um espaço que contemple todas as dimensões do humano, sem esquecer que toda intervenção educativa (inevitável como processo de constituição de novos sujeitos em qualquer cultura) mantém em si um movimento contraditório e dinâmico entre indivíduo e cultura, movimento este que precisa ser mantido sob estreita vigilância por aqueles que se pretendem educadores, para evitar que se exacerbe o poder controlador das características hegemônicas da cultura em detrimento do exercício pleno das capacidades humanas, sobretudo a criatividade. (ROCHA, *op. cit.*, p. 68)

As mídias sempre participam dos contextos de vida das crianças e se configuram como elementos constitutivos de suas culturas e práticas sociais. Entre as tantas tecnologias da comunicação que existem hoje, a televisão, no entanto, continua exercendo seu papel de provocadora de fantasias e tem, assim, seu lugar garantido na casa e na vida das pessoas desde muito cedo. Ao se aproximar do mundo apresentado pelas telas, sejam da TV ou de outras mídias audiovisuais, as crianças ampliam suas possibilidades lúdicas e constroem seus conceitos e significados sobre as coisas do mundo. Martín-Barbero (2009, p. 294) destaca que:

[...] em vez de fazer a pesquisa partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão [...].

Partindo dessa necessidade de pesquisas direcionadas às mediações e da própria concepção de mediação proposta pelo autor como os lugares de construção da materialidade social é que recorreremos aos que seriam para ele, os três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural, para inferir que os *modus operandi* e *comunicandi* da sociedade atual marcada pela forte presença das mídias e tecnologias se constituem considerando as referências que os espaços de mediação (como a escola, a comunidade e a família) disponibilizam ou não aos sujeitos que dele fazem parte.

O que se percebe é que as crianças desde muito pequenas entram – em maior ou em menor grau – em contato com as mídias e com elas interagem. Essa interação que, em



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

termos de Brasil, mesmo com a crescente presença da Internet ainda se dá de forma bastante intensa com os programas televisivos, acaba participando na forma pela qual as crianças veem, sentem, pensam e agem no mundo. Por isso, considerando-se o que diz Benjamin (1992) sobre as transformações perceptivas e cognitivas da humanidade que ocorrem em cada momento histórico e que fazem surgir por sua vez novas sensibilidades, entendemos que na atualidade as linguagens da mídia audiovisual são fatores que vem contribuindo para o surgimento dessas novas sensibilidades.

Do nosso ponto de vista, também as brincadeiras como expressão da cultura infantil e fonte de imaginação se configuram como espaço de mediação, pois na medida em que brincam, as crianças criam e recriam seus enredos de brincadeira e, assim, constroem seu entendimento de mundo. Nesse sentido, a Educomunicação nos inspirara a pesquisar práticas pedagógicas na Educação Infantil, por meio do reconhecimento da presença das referências midiáticas, via brincadeiras infantis, numa mudança sociocultural em que está envolto o sujeito-criança. Pensando nessas referências é que optamos por observar como professores/as da Educação Infantil compreendem e tratam as referências midiáticas das crianças em suas brincadeiras e como incorporam, ou não, essas referências em suas práticas pedagógicas.

O contexto em que vivem as crianças na contemporaneidade está repleto de elementos da mídia, incluindo-se aí, portanto, os desenhos animados, há de se compreender que os profissionais de educação que atuam em instituições formais de educação não podem mais fechar seus olhos diante dessas referências. As práticas pedagógicas, entendidas como propostas intencionalmente planejadas pelos/as professores/as no que se refere à educação das crianças, precisam assumir sua responsabilidade, procurando mediar a relação que as crianças estabelecem com as mídias.

##### **5) Chega-se ao conceito de Práticas Pedagógicas Educomunicativas**

Em nossa contemporaneidade vivemos desde muito cedo com a presença e sob as influências das referências midiáticas em nossas práticas sociais cotidianas, sendo possível inferir que as mídias se incluem como um lugar de formação e construção de conhecimentos, tal como a família e a escola. Nesse contexto, Citelli (2000, p.136) destaca o fato de que as “escolas paralelas” (TV, Internet, computador) estão “pressionando o sistema educativo, requisitando deste, práticas e compreensões já não mais circunscritas ao discurso pedagógico, segundo tradicionalmente veiculado pelas instituições escolares”.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

Diante da descentralização da escola como lugar de (re) construção do conhecimento sistematizado, entendemos que o fato de as crianças ingressarem nas instituições educacionais trazendo experiências e referências de seu contexto de vida exterior a estes espaços precisam ser valorizadas de modo a promover um diálogo que vise a reflexão, ampliação e diversificação dos seus repertórios lúdicos e culturais. Pois, como tornamos a falar, desta vez tomando as palavras de Meksenas (2002, p. 22):

Na atualidade, bem mais que no passado, os desafios, as crises e os conflitos que envolvem a educação escolar apontam para a urgência de repensar as práticas pedagógicas – as *interações* e *mediações* dos professores com seus pares, com os alunos, com a comunidade escolar, com os pedagogos e com os administradores do sistema público de ensino.  
(grifos do autor)

O questionário enviado aos pais/responsáveis pelas crianças nos trouxeram informações sobre o contexto sociocultural vivido por elas. Com as informações obtidas, foi possível traçar um mapeamento do consumo midiático – ainda que sob a visão dos pais/responsáveis – que, sobre os desenhos animados, revelaram: as crianças do grupo têm os desenhos animados como programação favorita e costumam trazer elementos de desenhos animados para suas brincadeiras e para seus desejos de consumo.

No entanto, não se trata de incluir a qualquer custo nas práticas pedagógicas as mídias que as crianças têm acesso cotidianamente, mas de se pensar a intencionalidade da sua inserção, nos “por quês” e nos “como” são incluídas no contexto educacional. Tal como alerta Kenski (2007, p. 46): “[...] é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida.”

Libâneo (1991) destaca o papel da prática educativa na formação do indivíduo para a atuação e a transformação do meio social, requerendo consciência, intencionalidade e planejamento. De encontro com esta ideia, Freire (1996) entende que a prática do professor não é neutra e exige uma tomada de posição.

Nesse sentido entendemos que a Educomunicação representa um papel importante na urgente necessidade de um posicionamento dos professores que atuam na contemporaneidade, pois opera sobre uma visão sistêmica da prática, na qual estão articuladas diversas ações em prol do estabelecimento de ecossistemas comunicativos nos



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

processos e espaços educativos. Entendemos, portanto, que a comunidade escolar precisa se posicionar no sentido de entender a inter-relação entre a Educação e a Comunicação como uma demanda da contemporaneidade na qual a descentralização do conhecimento é inegável.

Buckingham (2007, p.293) defende que o papel da Educação é fundamental, pois: “As instituições educacionais, entendidas de modo amplo, têm um papel vital para tornar o acesso das crianças mais igualitário, tanto às tecnologias de mídia como ao capital cultural necessário para usá-las de forma mais produtiva. [...]”. Por isso, é preciso que se entenda que não basta propor que se assista um DVD ou incluir a qualquer custo algum elemento midiático no planejamento de sua prática, é preciso que os/as professores/as observem as crianças e pensem em formas pedagógicas de fazê-lo. Formas estas que contribuam para a ampliação e desenvolvimento de suas dimensões linguística, intelectual, expressiva, crítica, motora, emocional, corporal, social e cultural.

A nosso ver, a Educomunicação apresenta, entre suas áreas, as áreas da gestão da comunicação no espaço educativo e da pedagogia da comunicação como uma possibilidade para (re) pensarmos as práticas pedagógicas com foco na sua capacidade de articular as necessidades e expectativas das crianças contemporâneas com a intencionalidade pedagógica dos/as professores/as que com elas trabalham. O que vai de encontro com a proposta da Pedagogia da Educação Infantil que, conforme Rocha (2003, *op. cit.*), entende que as práticas pedagógicas devem se pautar nas necessidades e expectativas das crianças, aliadas à intencionalidade de um planejamento articulado às especificidades da Educação Infantil e ao dinamismo da infância.

Pensar sobre práticas pedagógicas de professores/as que, já na Educação Infantil, levem em conta a realidade midiática em que estão inseridas as crianças e sobre a necessidade de melhor compreender os processos de comunicação no processo educativo nos levou a recorrer aos estudos da Educomunicação e a partir de seus princípios criar a definição de Práticas Pedagógicas Educomunicativas.

As Práticas Pedagógicas Educomunicativas se configuram como um caminho a se pensar nas formas de conduzir a mediação, pois:

1. Considera as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
2. Estabelece um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;



3. Amplia as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade);
4. Preocupa-se com o uso pedagógico de recursos tecnológicos e midiáticos;
5. Favorece uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

Sartori e Souza (2012, p.35) resumem a contribuição das Práticas Pedagógicas Educomunicativas para o contexto educacional contemporâneo focando no favorecimento de: “uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos em relação às referências midiáticas a que tem acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo”.

#### **6) Considerações finais ou um convite a recomeçar?**

Em nosso entendimento, o conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa representa um caminho para que se ampliem as possibilidades de atuação e mediação dos/as professores/as – desde a Educação Infantil até as demais modalidades de ensino – diante da complexidade do mundo atual. Caso contrário, haverá um descompasso entre as expectativas e necessidades da comunidade escolar e das crianças que lá estão inseridas.

E o que revelou a nossa pesquisa em relação às práticas pedagógicas das profissionais pesquisadas? Ainda que permeado por contradições próprias de nós, seres humanos em permanente processo de constituição, nossas análises mostram um avanço nas práticas pedagógicas da professora e da auxiliar de sala no que se refere às manifestações culturais infantis do grupo, estas permeadas pelas mídias. As análises da pesquisa revelam possibilidades para se (re) pensar práticas pedagógicas voltadas às novas sensibilidades das crianças, que tem os desenhos animados como importantes referências na forma como constroem seu entendimento sobre as coisas do mundo, o que nos faz entender essas referências como dispositivos pedagógicos da mídia.

À luz da proposta educacional e do conceito de Práticas Pedagógicas Educomunicativas, percebemos que as brincadeiras das crianças, os discursos da professora e da auxiliar e os registros do diário de campo evidenciaram temas que emergiram dos desenhos animados e que poderiam ter sido mais bem explorados nas suas práticas pedagógicas (sexualidade, gênero, papéis sociais, relações de poder, violência, luta do bem contra o mal, consumo, entre outros). Entendemos que a exploração mais aprofundada



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

desse temas poderia contribuir para uma mediação quanto aos conteúdos dos desenhos animados, no entanto, revelam a necessidade de se (re) pensar formas de melhorar o estabelecimento do diálogo entre as crianças e as profissionais, isto é, em formas de propiciar a construção e partilha de significados, ou seja, criando ecossistemas comunicativos com as crianças. Nesse sentido, seria tarefa de uma prática pedagógica educacional viabilizar a mediação cultural, criando espaços de diálogo e de expressão das crianças e, também, dos profissionais que com elas trabalham.

Ainda assim, percebemos na prática pedagógica dessas profissionais: a introdução dos desenhos animados e a busca pelo uso adequado da tecnologia nesse processo, bem como o planejamento de atividades em procurando promover uma expressão mais criativa e participativa por parte das crianças por meio da valorização das produções das crianças e a inclusão de um planejamento preocupado com suas necessidades e interesses.

Ao final de tantas reflexões, percebe-se que novas problemáticas para futuras pesquisas parecem emergir: Como estariam os cursos de licenciatura em Pedagogia formando os/as futuros/as professores/as para atuar com a relação entre as mídias e as crianças? Como distinguir de modo mais aprofundado uma prática pedagógica educacional das demais práticas de nossos professores, uma vez que não é suficiente utilizar-se de mídias para se ser educador? Que questões uma prática pedagógica educacional traz para o planejamento da escola e para o seu Projeto Pedagógico? A pesquisa revelou que a Educomunicação se mostra compatível com a proposta da Pedagogia da Educação Infantil, podendo as Práticas Pedagógicas Educacionais ser incluídas no (re) pensar o “que-fazer” pedagógico dos/as profissionais que trabalham com crianças pequenas em nossa contemporaneidade.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. *In*: \_\_\_\_\_. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias digitais**. (Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino). São Paulo: Edições Loyola: 2007.
- BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. **Revista Perspectiva**: Florianópolis, v. 25, nº 1, 41-56, jan./jun. 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. *In*: \_\_\_\_\_. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- CITELLI, Adilson Odair. Entrevista com o Dr. Adilson Citelli. *In*: SARTORI, Ademilde Silveira; GIRALDI, Patricia Montanari; LIZ, Lucilene Lisboa de. **Revista Linhas**: Florianópolis, v. 12, n. 02, p. 197 – 205, jul. / dez. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2409>> Acesso em mai./2013.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: A linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac, 2000.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias:** O novo ritmo da informação. 5ª Ed. São Paulo: Papirus, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1991.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação:** construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica:** conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.
- OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar:** pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: Tríade do século XXI. In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, (23): 57 a 70, jan./abr. 2002.
- \_\_\_\_\_. Mediaciones familiares y escolares em la recepción televisiva niños. In: **Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo, ano XIV, Nº 64. Jan./jun. 1991.
- ROCHA, Eloísa Acires Candal. A função social das instituições de educação infantil. In: **Revista Zero-a-Seis.** Nº 07. Jan./ jun. 2003. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/799/9390>> Acesso em mai./2013.
- SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina. Estilos de Aprendizagem e a Prática Pedagógica Educomunicativa na Educação Infantil: Contribuições do Desenho Animado para a Aprendizagem das Crianças Contemporâneas. In: **Revista Estilos de Aprendizaje**, nº10, Vol 10, outubro de 2012. Disponível em <[http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero\\_10/lrs\\_10\\_octubre\\_2012.pdf](http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero_10/lrs_10_octubre_2012.pdf)> Acesso em mai./2013.
- SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e sua relação com a escola:** a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. Comunicação, m í d i a e consumo. São Paulo. v o l . 7 n . 1 9 p . 3 3 - 4 8 j u l . 2010. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/284/197>> Acesso em mai./2013.
- SARTORI, Ademilde Silveira. **Inter-relações entre comunicação e educação:** a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação a distância. In: UNIrevista. Vol. 1, nº3: jul./2006.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação:** contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.
- \_\_\_\_\_. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação. **Revista Comunicação & Educação.** São Paulo, n.23: jan./abr. 2002.